

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 15 de Dezembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

82



sempre
five *semanário humorístico*

five

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

NATUREZA MORTA



- Esse quadro é uma natureza morta?
- E bem morta. Tenho ali a certidão de obito.



Os ditos da semana



Nós temos um céu azul sem igual, um clima temperado como não ha outro, um sol brilhante e claro que faz inveja ao mundo inteiro, e vivemos desta alegria de nos sentirmos invejados.

Para consolação das nossas maguas, temos ainda os logares comuns do patriotismo.— o paiz essencialmente agricola, o passado das descobertas e conquististas, a passarola do padre Bartolomeu de Gusmão e, para não pensarmos no governo da casa, proclamamos que o futuro de Portugal está nas colonias.

Vivemos dentro destes principios como peixe dentro de agua.

Quando aperta o frio, como neste ano da graça, volta a gente a gola para cima, mete as mãos nas algibeiras e diz resignadamente para os seus botões:

—Isto é um paiz temperado.

E porque é temperado, as casas não teem aquecimento.

Resolveu-se que em Lisboa não ha frio e, por mais que o termometro desmintia a velha asserção, nós cá vamos gemendo e gelando até os ossos.

—Isto é um paiz temperado...

Chega o verão e faz um calor de rachar, mas como isto é um paiz temperado, anda a gente metido dentro dum fato de lã e com um chapéu de côco na cabeça. Sua-se em bica, mas gosa-se as delicias dum paiz temperado.

Porque vivemos num paiz essencialmente agricola, onde media o repolho, tambem nós temos obrigação de medrar, que tambem o repolho não veste sobretudo nem usa sombrinha e não quer saber do boletim meteorologico.

O Sempre Fixe não quer desatinar no concerto sintonico do logar comum nacional o preconisa, em obediencia ás formulas, a emigração em massa para o futuro que está nas colonias e, ali, o regresso á terra, a cavar batatas, que as colonias tambem são essencialmente agricolas e anda muita gente com a vocação torcida. Ao menos lá o aquecimento central é gratuito e obrigatorio.



Um sabio alemão descobriu o processo de solidificar o alcool em pequenos grãos.

A descoberta produziu grande sensação, especialmente na America, onde todos os amadores de Baco anseiam pelo regresso do alcool ainda

que seja sob a fórmula de grãos ou pevides.

Nunca mais se dirá:
—Dê-me um calice de aguardente.

Daqui para o futuro passará a pedir-se uma grão de cognac, um comprimido da rija, ou uma pastilha de murraça.

A bebedeira tornar-se-ha mais facil, mais accessivel e sobretudo mais asseada. Quando o alcool, subindo ás cabeças e perturbando os estomagos, manifestar desejos de voltar á luz, o paciente não terá mais do que abrir a boca e deixar sair os grãos, que como pequenos projecteis, serão expelidos a distancia, conforme a força motriz, á laia dum elegante colar de perolas que se solta.

A embriaguez assumirá um novo aspecto, perdendo todo o caracter de porcaria, ainda com a vantagem de as pastilhas poderem tornar a servir.

E' a morte definitiva do *cabrito*. E' a entrada da bebedeira na sociedade—a bebedeira de luva branca.

E nunca se dirá com mais propriedade:

—Lá está tulano com um grão na aza.

Nós andamos todos a atropelar-nos uns aos outros. Perencemos todos a uma sociedade de empatas. Cada um de nós faz sempre o possivel por obstruir o caminho dos outros. Por mais sinaleiros que se coloquem nas esquinas, não ha maneira de regularisar o transito, porque os proprios sinaleiros são os primeiros a impedil-o.

O policia que se coloca em uma encruzilhada, de capacete branco na cabeça, julga-se o dono da rua, e quem quizer que passe, por debaixo do chão ou por cima dos telhados, que ele está no seu posto e não arreda.

Nas ruas estreitas, quando um sinaleiro se põe a fazer de frade de pedra, não ha automovel que seja capaz de dar a volta sem lhe passar por cima do cadaver.

Mas ele está no seu posto e não arreda pé.

O carro que rode por cima dos passeios, que atropelle os cidadãos que estão polindo as esquinrs com o fundo das costas, que ele está no seu posto e ninguem o arranca dali.

Não custava nada ao sinaleiro postar-se um pouco ao lado, facilitando o transito e

as voltas dos veiculos, mas o policia tem sempre tendencia para armar em dono da sua area e não quer saber de condescendencias.

Nos carros electricos succede exactamente a mesma coisa. O conductor é senhor do carro, e entende que o aviso em que se pede para não impedir a passagem se refere apenas aos passageiros e quando a gente quer passar, encontra pela frente uma estatueta de bronze que não treme, nem vacila por mais encontrões que se lhe dê. E dizemos encontrões porque aquela frase milagrosa com que entre passageiros se abre caminho—o *dê-me licença, se faz favor*, não tem eficacia alguma entre conductores.

O conductor que está no seu serviço não consente que a gente passe, porque está no seu serviço. Isto de delicadezas, de dar licença, de não impedir a entrada e a saída é só com o publico. Assim o entende pelo menos a Companhia que diz nos seus avisos:

Pede-se aos srs. passageiros...



Aquela ideia italiana de criar o cinema instrutivo, vai ser a morte da arte muda. O cinema vive do entusiasmo das donzelas que julgam aprender nas fitas, tudo quanto pela familia e pelos bons costumes lhes é vedado como o autentico fructo prohibido do Paraiso.

O cinema é como é e não como querem fazel-o, agora que já deitou raizes nas almas femininas. No dia em que as meninas ingenuas virem no cinema a continuação do colegio do Bom Sucesso ou das Salesias, o cinema entrará na categoria das machadas insuportaveis.

Quando as fitas deixarem de ter o interesse que provém das mããs permitirem ás filhas adquirir, pelo *ecran*, conhecimentos que as não deixam obter nos romances de Dekobra, desaparece o entusiasmo pela arte do silencio.

Se as fitas não ensinarem a dar aqueles beijos de cinco minutos, penetrantes e molhados, já não ha nada que aprender nas fitas. Então nós não as conhecemos?

O cinema d'hoje já é instrutivo, embora a instrução que fornece não seja a mais aconselhada. Mas é, sem duvida, a mais querida, porque é a *instrução amorosa preparatoria*, com *escolas de repetição* depois do casamento.



- Lá vem outra vez a mãe pedir dinheiro.
- Mas que chatice!
- Então que queres, julga que somos... pai dela!...

BOM HUMOR

Entre novos ricos:
—Esta tela magnifica representa um dos meus antepassados...
—Já se! Esteve em risco de ser um dos meus, mas não quis oferecer mais de cinco contos...

* * *

A professora: — Ernestinho, sabes o que é uma rede?
O aluno: — Uma certa quantidade de buraquinhos amarrados com guita...

* * *

Entre amigos:
—Não tens antiguidades em casa?
—Deus me livre! Sou um homem moderno. Odeio as antiguidades. Garantido-te que, ás vezes, até me aborrece vêr em casa a minha sogra...

* * *

O doente: — O medico não atina com a minha doença...
A mulher: — E' ocasião de chamar um desses doutores honoris causa...

* * *

—Meu Deus! A cabeça desta criança parece um torrão de asucar...
—Não admira! O pai morreu de diabetes...

* * *

Considerações dum bêbedo:
—E dizem que o vinho sobe á cabeça. Mentira! Não sobe, desce. Tenho-o nos pés e por isso não posso dar um passo.

* * *

O moribundo: — Joanna, em que estás tu a pensar?
A esposa: — Se o teu caixão cabe na porta da rua...

* * *

Numa bilheteira do caminho de ferro:
—Um bilhete de terceira, ida e volta.
—Para onde?
—Para voltar aqui, santo Deus!

* * *

Ela, horrorizada: — Jack! O nosso filho bebeu um frasco de tinta...
Ela, distraído: — Está bom! Em cima da minha mesa estão duas canetas de tinta permanente...

* * *

—Então, qual foi esta tarde o motivo do atropelamento...
—Muito simples. Dois automoveis que perseguiram o mesmo transeunte...



—Raio de sorte! A primeira vez que saio com o guarda-chuva novo começa a chover desalmadamente.

Romeu e Julieta em Sacavem

ou um suicidio abortado pela carestia da vida

Sacavem, mau grado sua paisagem áspera, em que não avultam as vegetações que atiram os sores humanos para as mais agudas e mais literarias melancolias, e abundam as couvos galegas que tornam impossível toda a poesia sentimental, teve, em



data muito recente mas que achamos, por discreção, não fixar, cenário dum grande drama de amor. O tema—que Sacavem parece ter tido o capricho de ir desenterrar nos arquivos teatrais de ha cincoenta anos—consistiu na desigualdade social dos dois apaixonados. Ela, bonita, filha unica e rica, devido ás fabricas de cortiça do papá. Ele, feio e magro e ainda por cima mais pobre do que a sua familia—a qual era pobrissima. Ambos dados ás mesmas leituras romanticas. Talvez pelas influencias das novelas do sr. Octavio Feuillet e ainda pela atracção natural e irresistivel dos dois sexos, amaram-se dum amor tornado ardente pelos arrebatamentos do temperamento e agravado ainda pela desigualdade da fortuna.

«O nosso sonho é incompativel com a vida»—escreveu-lhe ele um dia quando, após a descoberta do amor, o pai da beidade procurou, com o poder tão convincente como continente duma bengala, pôr termo ao romance. A paixão redobrou após esse lance vulgar: ambos se sentiram, a partir desse momento, infinitamente desgraçados e soçados—ela soçada no dorso, ele soçado no seu orgulho por saber que a sua Julieta havia sido tratada a cacete. «E' a minha miseria que nos sepa-



ra, que ha de matar o nosso amor e que nos ha de matar, pois sem elle a vida ser-nos-ha intoleravel»—dizia-lhe noutra epistola lancinante. Julieta, como a celobre, a shakespeareana Julieta, não quis ficar por

aquem do sentimentalismo exasperado do seu Romeu. Resolveu mesmo ultrapassá-lo, convidando-o ao suicidio. Romeu aceitou e resolveu pôr em pratica a desvairada proposta para o que adquiriu com sacrificio, isto é com dinheiro emprestado, um revólver espanhol.

E um dia, ela fugiu de casa e encaminhou-se para uma azinhaga onde devia desenrolar-se o tragico fim da sua existencia. Beijaram-se com um furor decuplicado pela morte proxima e dahi resultou que o Romeu ia consumindo nos osculos a energia de que carecia para puxar o gatilho do revólver. Foi com um grande tremor que o apontou á frente da amada e de tal maneira o nervosismo lho desviara a pontaria que, se não fora ela tomar-lhe do pulso, decerto que só atingiria uma piteira que ficava por detras de ambos. Quando ela caiu, o sacavenente Romeu encostou o revólver ao ouvido e—o revólver recusou insistentemente a disparar-se. Alucinado, resolveu então suicidar-se, lançando-se á passagem dum comboio. Deitou-se na linha ferrea, esperou uma angustiosa meia hora—e o comboio inedito.

Então, uma ideia o atacou: ir ao sitio onde Julieta tombara, abraçar-se a ela e conservar-se nessa amorosa



atitude até que o primeiro policia chegasse e lhe «serindasse» a liberdade.

Qual não foi o seu espanto ao vêr, á frente de grande multidão, a sua Julieta, viva, caminhando, amparada por dois civicos, de rosto ensanguentado.

* * *

Aconteceu que o revólver, ordinario e barato, não era capaz de dar a morte a ninguém. E dahi as balas disparadas contra a Julieta terem ficado á flôr da pele. Julieta caíra apenas num deliquio proprio de quem é mulher e se julga falecer.

Sempre que o suicida sobrevive ao suicidio é fatal o arrependimento. E dahi os leitores não estranharem que o Romeu escrevesse do carcere para a sua Julieta:

«Final, é a miseria, que nos havia de matar, que nós devemos a vida. Se eu tivesse dinheiro, teria comprado um revólver melhor e ambos estaríamos mortos.»

Cristiano Lima.

RECEITAS UTEIS

Bacalhau albardado

Depois de bem amaciado numa prensa, agarra-se no sr. Alfredo Pimenta, tira-se-lhe a capa, as calças e as coroulas e desinfecta-se cuidadosamente com um artigo de Braz Burity. Feita esta operação, collocam-se sobre um taboleiro um sem numero de ostras, pelas quais se passa o corpo elegante do Pimenta. Em seguida, torna-se a passá-lo por uma prensa até que fique como um bacalhau. Atira-se-lhe para cima umas batatas e põe-se no fogareiro do Bertrand até que se ferme alguma camada aproveitavel. Leva-se em seguida a um passeio a Cacilhas. Está albardado o bacalhau...

Pudim de flan

Quebrando o sono a uma criança de três meses atacada de enterite, tem-se o cuidado de a arrelhar e tira-se-lhe carinhosamente a fralda. Está feito o pudim. Este prato é indigesto.

Carne de porco á alem-tejana

Depois de se ter agarrado em dois alentejanos, que podem muito bem ser o dr. Brito Camacho e o Leopoldo Nunes, cortam-se-lhes as creanças aos pedacinhos. Feitas as migas, untam-se os corpos com peiz e collocam-se sobre a arvore da rônha, onde pousarão um sem numero de passaros. Põe-se tudo a seguir numa frigideira, fritam-se e comem-se mesmo assim.

Pêra assada

Toma-se delicadamente a pêra do sr. Gualdino Gomes. Em seguida, e tendo o cuidado de não queimar as mãos, aconde-se um fosforo. Fica a pêra assada.

Arroz á Valenciana

Lava-se o nosso orgulho nas quedas d'agua do Douro. O arroz virá depois...

Para as dôres de dentes

Aconselhamos a seguinte receita:

Acido prussico	5 gr.
Pós de Keating	10 "
Agua da Companhia ...	250 "
Cabeças de fosforos	3 ex.

Esta receita só serve para quem tenha dentes postigos.

Dôres de estomago

Para curar as dôres do estomago:

Pedra pomos	20 gr.
Massa fosforica	200 "
Sublimado	32 "
Pão tipo unico	20 "

Põe-se tudo de infusão em 200 gramas de agua da Companhia. Se não morrer do pão, morre da agua.



—Bem. Agora que te comprei o arco, não saberás estar quietinho ao pé da mãe?...

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 2500
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros. 84. 1.º D.-Lisboa





O criado obediente

Um proprietário da provincia, tendo precisão de um criado de confiança para a sua casa, em vez de aceitar os que vulgarmente lhe ofereciam os seus serviços por serem da terra, foi procurar num sitio mais longe um recomendado por uma familia dos seus conhecimentos.

O criado era lorde e isso convinha-lhe para o educar a seu modo. Fez-lhe, logo de entrada, a seguinte preleção:

—Vais ver como ficas satisfeito: no primeiro mês dou-te trinta escudos por mês e, uma vez praticado no serviço, aumento-te o ordenado e, no fim do ano, apanhas as tradicionais bróas. Mas, por ora, ganhas o que te disse e visto-te. Estás contente?

—Ora essa, patrão!...

Chegou a noite e o criado deitou-se e dormiu regaladamente.

—Na manhã seguinte, o patrão, por mais que o esperasse, não lhe apparecia.

—Onde diabo se terá metido este estafermo?

As horas passavam e, com respeito a criado, nada...

—Nada... o melhor é procurá-lo—disse o patrão, enquanto galgava as escadas do seu quarto na agua-furtada.

Chegado lá acima, abriu a porta do quarto e topou com ele sentado na cama.

—Olha lá: então tu ficas todo o dia na cama?

—Eu, não senhor... Estava á espera do patrão.

—A' minha espera?! Hom'essa!

—Então o patrão já não se lembra do que me disse ontem?

—Mas o que é que eu te disse ontem?

—Que me dava, no primeiro mês, trinta escudos e que me vestia, e eu estava á sua espera, para não ir lá para baixo em ceroulas...

A ALMA ENCANTADORA DO CHIADO

Café e "Rosas de todo o ano"

A Brasileira, do Chiado, já não é o centro da intellectualidade alfacinha. Desde que se inaugurou o *Café Chiado*—passo o réclamo—ela passou a ser, apenas, a *parag'm* zona dos artistas. A freguesia, possivelmente enfasiada com os seus quadros, vai fugindo-lhe aos poucos...

O resuscitado Gualdino Gomes, o *hom'm da noite* da Brasileira, foi o primeiro a instalar-se comodamente na primeira cadeira do *Chiado*. E' ele a sua alma encantadora!

Seguiu-se-lhe o Almada Negreiros—este, quiçá, por se horrorizar com a sua propria sombra que se vê na funebre tela *Cocaina*. Tela funérea, tétrica, horripilante, que faz irritar os nervos ao sr. dr. João Eloi...

As outras *obras de arte*—contadilhas!—como diria o Matos Sequeira, só inspiram piedade, vendo-se algumas d'ellas sem cor, sem perspectiva e sem futuro...—como quem diz: posteridade! Dir-se-lia quem sofreram os *maus tratos* do João Franco...

Enfim: a Brasileira, do Chiado, está conselheiral; não já continua a literatos, a pintores de *meias tintas*... E as descoloridas telas do Teles são as unicas que ficam tomando, não direi uma chavena do aromatico café, mas uma bela e digna attitude: não arredarem pé do seu museu!

Mas falemos do *Café Chiado*.

Alá, franquesinha franca, está-se bem—respira-se a fragrancia das *Rosas de todo o ano*... O salão de inverno conserva-as amorosamente nos seus azulejos. São reliquias. São amuletos sagrados. O Antonio Carneiro, uma das *Rosas de Portugal*, é que, revolucionariamente, as engeita, dizendo que tais rosas envenenam o ambiente...—como se elas tivessem sido *pintadas* pela artista Mar'ia Pia!... Porém, Vitoriano Braga, em

contradita, afirma que as rosas estão muito bem nos mosaicos, *muito bem*, atendendo-se a que elas inspiram os criados a servir a freguesia com galantaria—a galantaria de Luís XV.

Alguem me segreda ao ouvido, sem que o cronista tivesse a pretensão ou a veledade de ser *Madame X*:

—Galantaria! Isso era dantes!

—Dantas, sr. Luís Trigueiros, do Dantas é que isto é agora!—atalhou cronicamente o Chico Silva Passos, ou, para melhor dizer, o *Uirano de Velhofrak*.

E a sua voz roufenha fez calar toda a gente—a propria *Voz* do Fernando de Sousa!

Decididamente, o *Café Chiado* é, nesta hora sombria, o centro do cavaco apurado da intellectualidade alfacinha. A Brasileira, o seu João, o seu Magalhães, o seu Albino e a sua *Tertulia*, ficaram abandonados pelos que estudam, pelos que se delectam com as Belas Artes e Piores Letras... Ocioso será dizer que o dengoso Raul Leal, o Alvaro Maia das *Novidades*, o arguto Leopoldo Nunes, que tem uma santa *regional* e miraculosa *Voz*, o rebelde Mario Salgueiro, que enfileira ao lado da *Republica Portuguesa*, e o sempre *Belo Menino*, no *Fixe* e *Belo Redondo*, no *Noticias*, são os carolas daquela *cuixa de amendoas*. A Brasileira atrai-os, embriaga-os com o seu *mokado* perfume...

Uma nota interessante para fiudar: o Felix Correia, de todos os jornalistas o mais *apoderado*, que é um conspicuo toureiro ou critico amador, não gosta do moderno *Marrar*, ele, o *Terrible Felix*, que se perde, que dá a vida, se preciso for, para ver *marrar*... E tambem não deixa a Brasileira, nem a *Camara* do Ruy e do Nuncio... Olé!

Ivinho.

DIZ-SE

—que, num jornal da tarde, chamaram gerico a um actor, mas não foi por mal...

—que, junto á bilheteira do Nacional, alguem pediu ao Gouveia Pinto: «Dá-me uma cadeira de palco»...

—que o alferes Gouveia, o Larcher e o Cabrita tiveram uma *pannô* no Chiado...

—que acabaram o curso de *manucure* alguns officiaes aviadores...

—que o Pita Morgado, para arrolhar o José Bragança, passa a assinar-se «Morgado da Pita»...

—que, atendendo aos seus anos de serviço, vai ser proposta a reforma de Rosalina Sayal...

—que uma companhia portugueza se afogou no rio... de Janeiro...

—que, embora não esteja bem assim, o «João Franco» da Brasileira não quer emagrecer, para continuar mal... criado...

—que o Albino Forjaz de Sampaio emprestou a capa ao Albino Lapa...

—que, por este a não ter devolvido, «forjaram» a alcunha—o «Albino da Cepa»...

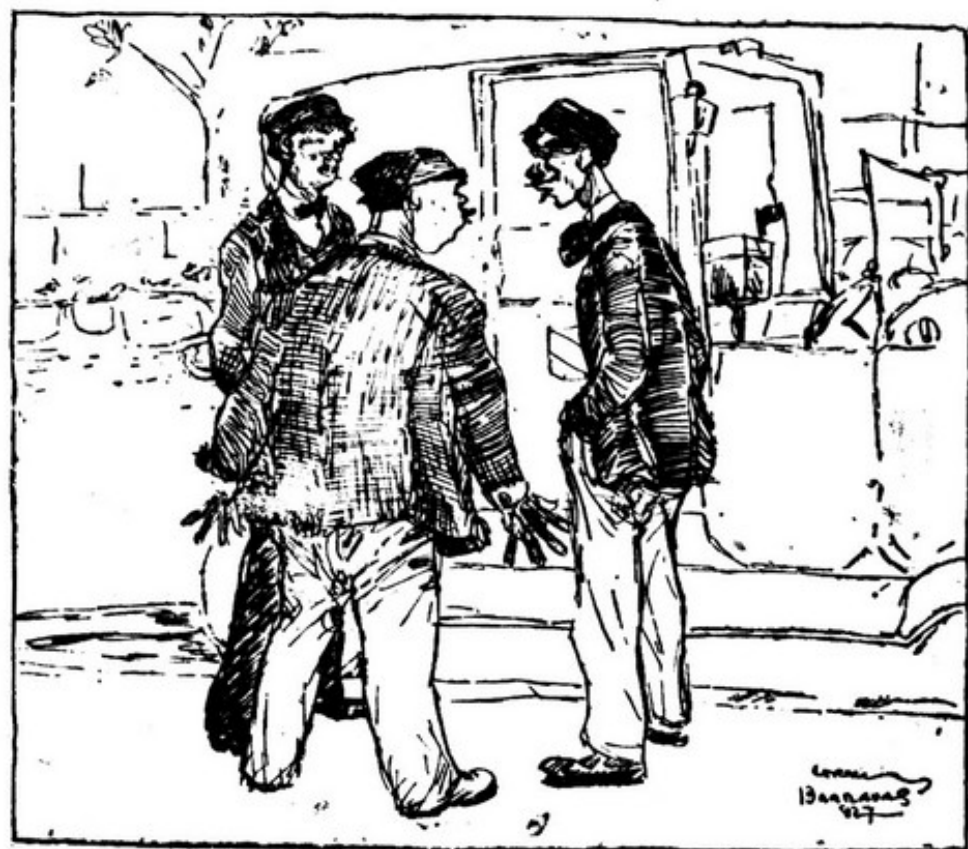
—que o «Rôsea Moída» vai ser aproveitado para uma fabrica de parafusos, onde não haja fosforo.



—Porque dançará sempre aquele homem com a mulher do medico?
—Não sei. Naturalmente deve-lho alguma conta ha muito tempo...



—Olha, Zezinho, num vapor daqueles é que veem os meninos de França.
—Ah! sim? Então são comandados pelas senhoras par-teiras...



—E' meio dia e ainda o comboio das nove não chegou. Neste paiz não ha pontualidade nenhuma.
—Não digas isso. Lá em casa falta-me a agua todos os dias á mesma hora.

PROSA DE CHA VELHO

Corrida á antiga portuguesa

Rocix já se ocupou do ultimo original português representado no teatro do Rossio. Trata-se do *Marquez de Carriche*, obra dum português tão original que até se chama D. João de Castro, como o das «barbas». Que o illustre dramaturgo nos perdõe se vir as suas a arder nestas linhas de critica, mas ha na sua peça um episodio que me está na alçada — não confundir com Calçada... de Carriche. Trata-se da grande corrida do ultimo acto, em casa do protagonista — corrida tauroaquinca, bem entendido.

Estancas no inverno e esta secção não pode desperdiçar uma corridasinha que cae do Nacional aos *trambulhões* para alimentar o fogo sagrado da *aficion*.

Fomos bastante discretos aguentando-nos na plateia durante o primeiro acto, em que não acontece coisa nenhuma, e consentindo que os senhores artistas fossem para o fundo do palco divertir-se com o fogo de vistas que, a acreditar no que diz a sr.^a Palmira Torres Vedras, deve ser uma maravilha de pirotecnia.

O nosso cartão de entrada na caixa permitia-nos gosar tambem a maravilha, mas não quisemos. Além de que cabia ao Alves da Cunha, como empresario do teatro e dono da casa, pois esta é do marquez de Carriche, convidar os espectadores. Não o fez... cá nos fica.

Resistimos ainda á passagem dos touros pela Calçada de Carriche, lá no fundo do palco e fóra da vista dos espectadores, como tudo que merecia ser visto no originalissimo original português. Mas, chegados ao terceiro acto e vendo surgir o marquez de Carriche com a casaca toureira do Antonio Luis Lopes e três comicos mascarados de forcados modernistas, perdemos a cabeça. Aquilo estava a pedir *prosa de claréto*. Saímos, demos a volta ao Rossio e entramos pelas portas das trazeiras, que era por onde devia ter sido visto o *Marquez de Carriche*.

Vimos então a sr.^a D. Berta de Jesus Maria José a presidir á corrida, á porta do camarim do marquez Alves da Cunha. Na intelligencia o Manoel Costa e na arena, ou seja no palco, um policia e alguns hombeiros. *Capinhas* nem um, apesar da sr.^a D. Palmira Torres dizer o contrario; mas esta senhora é a encarregada de explicar tudo o que so não vê, graças á teosofia.

Dopoiz de se fazer esperar um bom bocado, por estar a deslindar coisas que a ninguem interessaram, appareceu o cavaleiro José Alves da Cunha, a pé, e, sem que eu tivesse visto o touro, ouvi uma enorme gritaria, dirigida pelo contra-regra, e afirmando obstinadamente que o marquez tinha sido colhido. Dada a idade do marquez, não me estranhou aquella colhida á porta da gaiola e atribui á minha miopia o não ter visto nada.

Mas onde dei sorte a valer foi na altura em que D. Fernando Coutinho resolveu plagiar ao contrario o episodio do conde de Arcos, que Rebelo da Silva descreve na *Ultima corrida de touros em Salvaterra*.

Emfim, vimos a ultima corrida de touros de 1927, uma grande corrida á portuguesa.

Perez la chaise.



—Olha lá. Quando minha mulher estiver quasi a esboçar o sorriso para o retrato, previna-me. Ha tanto tempo que não assisto a esse espectáculo...

GATO ESCONDIDO...

O nosso amigo Pantaleão, que com propriedade se deveria chamar *Es-pantaleão*, pelas suas artes venato-



rias, o *Atracaleão*, pelas suas artes incontestaveis e invenciveis de D. Juan, era um habil caçador de feras de todas as qualidades e tamanhos, se fórmos da mesma opinião que um distinto escritor, que disse: «que as peles ficam admiravelmente ás feras»...

Logo que chega o tempo da caça, lá parte Pantaleão, de madrugada, saltitante e alegre, espingarda ao ombro, cartucheira e bolsa á cinta,



e, quando volta ao sol-pósto, traz invariavelmente, para fechar a boca ao mundo, a bolsa cheia de caça e a carteira vazia de dinheiro...

Sua mulher, a D. Jacinta, berra e torna a berrar por o nosso Pantaleão abandonar tão cedo as delicias do talamo conjugal, mas, por mais que ralhe, ele parte sempre, superior a todas estas baixas questiunculas domesticas.

Ora succedeu o caso dele travar conhecimento com uma joven vedeta do condado de Pedondo, lançada em precárias circunstancias pela recente crise teatral, e Pantaleão amigo resolveu, devido á superioridade da conquista, não ir caçar para os arredores, mas sim ir dar uma *caçada*—daquelas caçadas em que, numa só, se matam dois coelhos — na idilica Sintra, com o respectivo almoço servido em gabinete reservado; mas tal era o seu entusiasmo pela nova Dulcinea da rua Luciano Cordeiro, que se esqueceu da espingarda em casa...

E qual não foi o espanto de D. Jacinta ao encontrar a espingarda no prego... do quarto e passarem-se as horas e o infiel marido não voltar em busca dela. A desconfiança, em forma de espiral, ia-lhe entrando pela opaca alma como um verruma



e a ludibriada esposa era um temível Otelo de saias...

Quando era já bastante tarde, appareceu o nosso amigo Pantaleão, que se tinha esquecido das horas, com a bolsa carregada de perdizes e codornizes compradas na praça, e exclamando para a esposa, com ar farrão:

—Quem é amiguinho?...

—O' seu grande malandro—grita a D. Jacinta—como é que você conseguiu caçar, se deixou a espingarda em casa?

—O' filha, eu, realmente, quando estava caçando, reparei que me faltava qualquer coisa, mas fui sempre disparando...

Elmano Lage.



—Olha como o negocio rende.
—E rendia muito mais se não fossem vocês.

Elevador da Gloria

Se os electricos são todos de tipo unico, como o pão que nunca existiu, os guarda-freios variam conforme as linhas e as zonas. Na do Poço do Bispo, naturalmente pela abundancia dos armazens do vinho, o guarda-freio é de lingua acelerada e *cose* a três pontos qualquer passageiro mais bem educado. Na de Gomes Freire-Avenida, o seu temperamento é diferente. Corta com galanteria os bilhetes ás senhoras e até desce do carro, quando elas sobem, para verificar o tecido das meias e a sufficiencia plastica do conteúdo. Na de Rotunda e imediações andam os guarda-freios revolucionarios, sempre prontos para uma zaragata com algum carroceiro, se este, por acaso, ou a nuar que lhe diz respeito, usurpa os *rails* privilegiados do Sindicato. Mas, á margem destes guarda-freios, que manejam facilmente o alicate furando o bilhete ou qualquer cartilagem do passageiro, outros ha que merecem biografia simpatica.

Conheci um, o 724, que nunca me cobrava bilhete. Olhava-me do soslaio, comprehendia que o meio tostão das duas zonas não fazia diferença á Companhia e passava adiante, investigando demoradamente a idade dum menino que, apesar de já ter um metro de altura, não atingira ainda, segundo declaração irritada da mamã, os três anos da praxe para poder viajar de graça. O 724 compenetrava-se desta verdade, bem relativa e nada liliputiana... Tinha uma particular antipatia pelos portadores de *passé*. Nenhum deles passava sem lhe mostrar duas e três vezes o objecto do seu odio. O exame consciencioso que ele fazia a este imprescindivel documento levou-o a prender muito gatuno. Tinha ainda outras manias, mas, como já morreu, paz seja dada á sua alma, registando esta pequena anedota:

Na vespera do Natal de 1925, seguia o 724 com um carro pela Avenida quando entrou, na paragem do Alexandro Herculano, um grosso e fumacento charuto. Cortou o bilhete mas teve de fazer tróco. Como se demorasse a exumar as cedulas, o passageiro, para entreter, conversou um pouco:

—Muito frio, hein?

—O que o senhor está sentindo... O outro levava peles.

—Devo ter uma vida muito aborrecida...

—Bastante!— respondeu o 724.— Um salario miseravel. A mulher em casa doente... Os filhos...

O charuto meditou um rato de segundo. Lembrou-se de que, por cinco escudos, já o tinham chamado filantropo no *Seculo*. Impunha-se um rasgo. Levou a mão á algibeira e ordenou para o 724:

—Corta lá mais dois bilhetes, homem! Não ha de dizer que, na vespera do Natal, não encontrou um onte caridoso que o ajudasse...

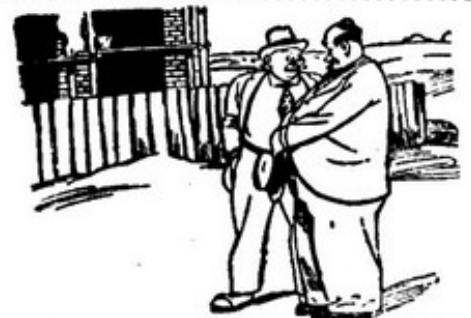
CHIC

Praça dos Restauradores, 20
Telefone N. 3361

Magníficos almoços á Franceza
JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic
(especialidade)

Expiendijo café
Escolhida frequencia



—Agradava-me o chalet para passar os dois meses de verão se tivesse casa de banho.

—Ha, isso não importa, toma-se banho quando se vir á c'lado...

CANÇÃO NACIONAL

FADO DOS PROJECTOS

Mote

Se as galinhas vir's com dentes.
Na «'mana» dos nove dias,
verás obras imponentes
na Lisboa, sem fantasias.

Glosas

Vai abaixo o Arsenal,
conforme o antigo desejo,
e a ponto sobre o Tejo
deixa de ser ideal.

Passa a ser a capital
o bom estar dos exigentes.
Vais ter hotéis excelentes,
que o turista espantará,
mas isto acontecerá
se as galinhas vir's com dentes...

Vamos ter a luz a jorros
e, talvez, daqui a um ano,
faz-se o metropolitano,
que os edis são alhos-porros...
Vão deitar-se abaixo os morros...
com reunidas energias,
vão sanear bôcos e pias,
não vêes mais covas em 'stradas
nem ruas esburacadas
na «'mana» dos nove dias!

Tu vais ter p'ra passear
uma linha d'aviões,
em variadas direcções,
sobre a cidade a pairar.
Tu vais vêr edificar
casinos magníficos
e, para espantar as gentes,
um grande hotel no Castelo...
—Quando um calvo tiver pelo,
verás obras imponentes...

P'ra fazer novas arterias,
vão cair prédios a fio,
da Rua da Palma ao Rossio,
que os projectos não são lérias...
Terás (para coisas sérias...)
do macaco as energias
e has-de vêr, em breves dias,
a um terço do final,
o monumento a Pombal
na «Lisbia», sem fantasias...

Reporter B.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

As melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582) & Estoriana)



—Sabe guiar?
—Não.
—Então, faz favor de me tomar
conta no carro.

DA GERAL

Perdoai-lhes, senhores

O sr. Vasco de Mendonça Alves, estando um dia muito aborrecido com a porca da Vida, escreveu um acobalado dramalhão de faca e alguidar. Entregá-lo e vê-lo representar foi obra de 365 dias. Mas, perdoai-lhe, senhores espectadores, que ele não sabe o mal que nos causou!! Aprel! E' ainda com as lagrimas a correrem a 15 e 15 que faço esta critica no meu *fauteuil reservado* do Trindade, tendo a meu lado uma pesadissima senhora a derramar-se em pranto como uma orniça de mama!

No primeiro acto, a beata Amelia Pereira diz ao publico que veio ali apenas para fazer intrigas. Pouco depois, vem apressado o Joaquim Almada, funebremente caracterizado, e conta-nos uma tragedia passada entre uma dama da sociedade, o esposo e o dr. Moreirinha... Aparece o reverendo Samwel Denis, acompanhado dum forte ataque de gripe. Diz-se irmão do Almada e nós acreditamos, pois na realidade são muito parecidos. Samwel elogia o sagrado nome de Jesus, que não meteu prego nem estôpa naquilo sarilho, chama apostata ao padrinho de casamento (perdão! ao mano!) e aposta 100\$00 em como ele, Almada está mesmo a pedir poucas com aquelas manguissimas curtas, que é como quem diz: aquelas mangas curtissimas!

O Joaquim zanga-se e ameaça queixar-se ao Costa Pereira. Entra em seguida a Maria Sampaio, muito pálida e loira, com uma alofa na cabeça. Chama padrinho ao Almada, padre Manoel ao Denis e faz a apologia do tratamento prisional na esquadra das Mónicas. Ao chegarmos a esta scena, já sabemos quem é a filha da mãe, mas ignoramos quem será a mãe da filha. Ficando só o Samwel, aparece-lhe pela direita ala moço que se faz tarde, D. Lucilia, enviuvada recentemente do Erico. O desgosto da morte do esposo fê-la engordar tanto que o reverendo Samwel Denis esteve na duvida se era conveniente mandá-la sentar ou não. D. Lucilia conta-lhe uma historia muito pornografica, que os catholicos aplaudem com entusiasmo. O reverendo Denis benze-se três vezes e eu choro pela primeira... vez que não arranjei uma borla para vêr a peça.

Maria Sampaio entra, beija a emprozaria, pede-lhe aumento de ordenado e um noivo em primeira mão e

diz-lhe ao mesmo tempo que os tipos que patearam a *Garçonne* não vão vêr esta peça, talvez por ser muito moral... Vão lá perceber estes *papos-sêcos*!! Entra em scena o capitão *Risco ao Centro* e que me dizem ser o Erico Braga. Não o conheci. Vai admiravelmente no papel de *Gordo*.

Feita a descrição do primeiro acto, o mais reinadio da peça, digamos alguma coisa da interpretação.

Lucilia admiravel, especialmente na entrada, com a mão na bôca, numa atitude de quem está agonizada.

Samwel interpretou muito bem a figura dum reverendo atacado de gripe. Joaquim Almada, como sempre, provocou h'lariedade. Seixas Pereira, numa das suas melhores criações. Interpretou o papel de pai de Antonio Lemos... Morrou antes de entrar em scena. Paz á sua alma.

Erico, mascarado de capitão, mostrou ser possuidor de excelentes qualidades para comandante dum regimento na provincia.

Maria Sampaio, decentemente despida, bem no papel de *filha das tristes herbas*. Quando se abraçou á D. Lucilia, mostrou umas pernas muito bem torneadas e que foram delirantemente aplaudidas pela plateia.

Amelia Pereira não desmentiu a opinião já formada: um grande numero.

Para findar: é justo salientar o primoroso trabalho do artista que no 2.º acto doba a meada. Preferiamos, porém, vê-lo encerrar os oleados da scena ou limpar aqueles sujeitos espelhos. Tirava mais efeito e ficar-lhe-hia mais apropriado. Mas... perdoai-lhe, Senhor! Ele não sabe a figura que fez!!

Scenários modestos, mas aceitaveis.

A musica, nos intervalos, funebre, mas merecedora de aplausos.

Reix.

P. S.—Por lapso, na critica do numero passado, referente á peça *O Marquez da Calçada de Carriche*, omiti o nome do actor Ribeiro Lopes. Este distinto artista, num personagem bastante caricato, representou maravilhosamente. Mas, aqui para nós, preferia que, em vez dum papel de *gago*, interpretasse um outro no qual entrasse mudo e saísse calado...

R.

A força da logica



—O' senhor militar, acuda ali ao filho do Joaquim Tacha que se está a afogar.
—Qual historia! Filho de peixe sabe nadar.



Não lhes dou novidade se disser que, no cinema, lá pelo facto de se estar ás escuras, não se deve fazer um certo numero de coisas que a moral, os bons costumes e a constituição imperialista do sr. dr. Costa Lobo preveem e censuram. Mas ha uma coisa que todos se julgam no direito de fazer e que não é menos lamentavel: dizer asneiras. Favorecidos pela treva, que não permite discernir as feições do radio (que o parta) emissor da asneira sem fios, cada um julga-se no direito de largar as bojaradas que lhe parecem, rivalizando com as preciosidades linguisticas... de fricassé, tão pouco fotograficas, com que nos mimoseiam as legendas.

Na semana passada, o Tivoli parecia uma assembleia geral da Associação de Classe dos Calinos Profissionais Desocupados. Roboaram asneiras a solo, a duo, em unisono, em concertante e em orfeão, tudo quanto ha de menos academico. Mas a coisa explica-se: o poder suggestivo das imagens era tal que, apesar da *chauffage*, todos batiam o queixo, porque a empresa, ao exhibir *A Montanha Sagrada*, pensou em tudo menos na temperatura. E no houve quem não protestasse, tiritando, contra a transformação das «toneladas de carne limpa», de André Brun, em «toneladas de carne congelada», que é muito mais indigesta. Mas quem jogasse ao chicote-queimado a procurar os erros tecnicos da fita, levava as des partes clamando:— Frio! Frio! Frio!...

Uns chamaram-lhe obra-prima, outros afirmaram que talvez fosse prima... em segundo grau ou por afinidade... E até chamaram feia á Leni Riefenstall, que não é ót'ma: é *Íntima*!...

Transcrevemos, sem comentarios, alguns comentarios do publico:

—Isto não é uma fita: é um sorvete...

—O' Fifi, põna a gola para cima, que se constipa.

—O' Fufu, se a menina me não aquece, apanho uma pneumonia tripla.

—Pode lá ser! Um homem, toda uma noite, a deitar um papagaio!...

Porque se não derreteu aquela neve, ó ceus cinéfilos, encharcando os «espirituosos»!

O Odéon está pior da perna. O seu estado inspira sérios cuidados aos cinéfilos assistentes. Desejamos sensíveis melhoras. Aquilo de *O Bando-leiro* foi uma autentica tourada. *Rejoneava* o Pedro de Cordoba, que cravou em todos os terrenos e por todas partes, incluindo o *oui, monsieur* do Bohet e os colarinhos do sr. Correia de Barros. A divisa M. G. M. começa a fornecer maus cursos. Renée Adorée, Pauline Starke e Charles Ray, muito mal empregadinhos, honra-os Deus. Passagens desta *Vida... e Romance*, que é necessario modificar.

No Olimpia, não se patoia:—patina-se. *Dagfin*, o patinador é o Paulo Richter. *Ahmed-Sabi-Bey* é o macacão do Paulo Wegener. Os dois Paulos não deram *paulitada*, mas ia havendo *paulada* por causa da Marcelle Albani, o que, com franqueza, não valia a pena. *O Judeu Errante* é um cavalheiro, todo barbas, chamado André Marnay — e não Levy, como dizia a má-lingua—que anda neste mundo para vêr andar os outros á roda dum argumento pre-historico. Dous nos livre de enumerar os interpretes. O O'Donnell *ashvera* que aquilo tudo acaba esta semana, que ainda surgem novos personagens e que nos ha de impingir, á força, as vinte partes, com prologo e tudo.

Do Variedades, basta dizer, como aquele camaradão do Horacio: *Variatio delectat*... menos á censura. E, como tudo o que começa a ser bom, lá se foi por agua abaixo. R. I. P.

Retardador.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77



O que se diz e o que se não deve dizer...

Jogadores de "foot-baal" açaimados

Os desafios inter-cidades, marcados para domingo ultimo, foram adiados *sine-die*.

A Associação de Lisboa assustou-se com o mau tempo... e com as receitas—e não permitiu o *foot-ball* hidraulico.

* * *

A interessante revista da especialidade *Record* suspendeu a publicação ao fim do terceiro numero.

Não compreendeu bem o titulo. Foi apenas:—uma tentativa de *record*...

* * *

Ao descer do seu carro, um automobilista verifica que a lanterna de trás se apagou. Prepara-se para a reacender quando surge um agente do transito, muito bem disposto... a multá-lo.

—Mas, senhor guarda, a lanterna apagou-se agora mesmo—pouco antes de eu parar. Até, ainda está quente.

—E' possível, mas o senhor devia ter dado por isso imediatamente!

—Imediatamente!... E' facil de dizer! Eu não tenho nenhum olho no... trazeiro...

—Poi eu, *t'enho!* — respondeu o agente.

O automobilista ficou mudo de admiração. Como isto se passou de noite—a falta de luz... e umas calças de fazenda grossa impediram-no de verificar a exactidão da afirmativa.

Mas, em todo o caso, lembramos ao sr. Ferreira do Amaral que este agente fenomeno poderia ser facil-

mente identificado após um inquerito bastante sumário...

Ricardo Ornelas, conhecido jornalista e tecnico de *foot-ball*, abandonou a redacção de *Os Sports* por este tri-semanario ter publicado uma critica do desafio Bemfica-Casa Pia, que reputou parcialissima.

Parafrazeando uma frase historica, Ornelas poderá dizer:

—*Mal com os homens por amor do*

Casa Pia — *mal com a Casa Pia por amor dos homens...*

* * *

O ultimo numero do *Record* publicava uma fotografia do seu director, discursando numa festa dum club.

Rui da Cunha, sempre bom humorista, comentava a fotografia, comparando a attitude de Salazar Carreira com Mussolini orando aos *camisas negras*.

E, como na fotografia se visso o presidente do Comite Olimpico do olho fechado—Rui chamou-lhe *aliposo e sonolento*.

Esqueceu-se, porém, de averiguar se o dr. Pontes não estaria dormindo em consequencia do discurso...

* * *

Conta o *Merry Magazine* esta anedota automobilista:

O indicador da velocidade atinge os 130 kilometros á hora. O passageiro dá sinais de nervosismo e, voltando-se para o *chauffeur*, diz-lhe:

—Não pode abrandar um pouco?...

—Porquê? Tem receio?

—Oh, não! Mas não gosto de estar tomando vantagens desleais sobre a minha Companhia de seguros de vida...

* * *

Num exame de candidatos a juizes de campo de *foot-ball*, um examinado está prestando provas brilhantes.

Um dos interrogadores, pretendendo fazer uma pergunta cheia de dificuldades, sai-se com esta maravilha:

—«Como o senhor sabe, a bola é fechada com um atacador de sola. Imagine que o atacador sai para fóra. E suponha que um *avancado*, aproveitando essa circumstancia, o segurando entre os dentes o atacador, corre com a bola assim suspensa e entra nas rédes contrarias. Valida o ponto obtido por essa fórmula?

—«Sim, senhor! Valido o *goal* o mando açaimar o jogador.»

Rebola-A-Bola.

A selecção



O seleccionador — Eu bem apito e procuro mas o «team» não aparece...

Humorismo no estrangeiro



—Que lindos rapazes. Andam sempre juntos.

—Sim, não admira. São marido e mulher.



A mulher:—Vimos para este clir a de altitude porque o Hipolito, como vivemos num *arranha-céus* e quasi nunca ha ascensor, enfraqueceu muito.



—Idiota! Não podes ir com a tua matraca para outro sitio?

—Admiravel, cavalheiro. Então isso é manciça de falar a uma senhora?



—O que dirias tu a um menino que, tendo duas maçãs, t'as desse ambas e ficasse sem nenhuma?

—Dizia que era um palerma...



— Oh mamã, o que vem a ser um indesejavel?
 — Oh filha, é um cabelo branco que encontrei hoje
 no meu...



— Para que estás a perfumar o lenço do teu marido?
 — E' para mais logo ter um pretexto de o descom-
 pôr...



— Espera, não venhas agora, que vem ali a carroça
 dos cães vadios...



— Ora esta! Quem seria que me roubou uma nota
 de cem escudos que eu trazia no meu «porte-mon-
 nay»?



— Outro dia, no Dáfundo, vi um peixe frade.
 — Isso deve ser com certeza um peixe fugido de al-
 gum convento...



— ...ocê é apologista da pena de morte?
 — Em certos casos, sou!